



## CULTURA, LINGUAGEM E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE ESSE MOVIMENTO

Vol. 1 nº 2 jul./dez. 2006

p. 213-227

*Cecília de Campos França*<sup>1</sup>  
PUC/SP

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo oferecer reflexões sobre algumas articulações existentes no processo de construção cultural possibilitado e intermediado pela linguagem e a constituição de identidades. Pensar esse movimento em termos dialéticos entre macro e micro-sistemas nos permite uma visão mais ampliada do processo de interferências mútuas e contínuas entre as duas instâncias. Compreender que as posturas assumidas no cotidiano, as linguagens utilizadas nas relações, com seus textos e subtextos, contribuem para a reposição ou resistência da ideologia dominante e permite que nos sensibilizemos quanto à responsabilidade que temos na construção da realidade. Sendo assim, podemos tanto manter os valores hegemônicos quanto construir outras referências que poderão gerar conflitos e transformações profundas em diferentes contextos e na sociedade. Aos profissionais da saúde, dentre outros, são atribuídos autoridade e poder de decisão sobre as demais pessoas estabelecendo, desta forma, na maioria das vezes, uma relação assimétrica entre esses e aqueles que estão sob seus cuidados. A responsabilidade desses profissionais é enorme, tanto para mexer e remexer sentimentos de auto-estima dos pacientes quanto para enchê-los de entusiasmo com os possíveis tratamentos ou mesmo desanimá-los de prosseguir com eles. Na busca de autonomia, está previsto conhecimento de si próprio, dos elementos que interferem tanto na constituição pessoal do “eu” como na do “eu” dos outros, reflexão sobre o processo de fazer escolhas, percepção da parcela de responsabilidade não apenas para preservar a ordem das coisas como também para alterá-la, questionar a naturalidade dos valores, posturas, concepções utilizando-se de diferentes perspectivas.

**Palavras Chave:** Cultura - Linguagem - Identidade - Psicologia - Educação.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to offer reflections on some ties existing in the cultural construction process which are based on and intermediated by the language and the constitution of identity. To think about this movement in dialectic terms between macro and microsystems allows an amplified view of the mutual and continuous interferences. Understanding that our daily behavior and the language – texts and subtexts – used in our relationships contribute to reposition or resistance against the dominant ideology, we shall be able to realize our responsibility in the reality construction process. Thus, we may maintain the hegemonic values as well as construct other references which might originate conflicts and profound transformations in different contexts and in society. The fact that health and other professionals have authority and decision power over other people, frequently establishes an asymmetric relationship - professional/patient-client. Health professionals (and others) have to be aware of their great responsibility in either encourage

or discourage patients self-esteem as well as possibly persuading them or even make them enthusiastic about treatments, or discourage them to continue an already started treatment. In the search for autonomy we should analyze the different perspectives of our self-knowledge, the elements which interfere in our own personal and in the constitution of others, reflections on the choosing process, perception of the responsibility of either preserving or altering the normal order of things; we should question the naturalness of values, attitudes and conceptions.

**Keywords:** Culture – Language – Identity – Psychology – Education.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo compartilhar algumas das reflexões que motivaram nosso percurso na pós-graduação na PUC-SP e resultou na defesa da tese de doutorado sobre Políticas de Identidade em julho de 2005.

Iniciaremos essa exposição com algumas considerações sobre nossas condições sociais. Em seguida, definiremos alguns conceitos utilizados nessa discussão e mostraremos as articulações feitas, assim como o fechamento desse artigo.

Nossa sociedade é profundamente desigual, põe o capital como centro de interesses e desloca o ser humano para posições de menor importância. Esse movimento é facilmente observado quando constatamos a miséria, as doenças, a subnutrição e violência a que grande parte da população mundial está submetida. Esse descaso estende-se a diversas áreas como a Educação, Saúde, Política, Social, Econômica e outras.

Na Educação, de acordo com inúmeras notícias veiculadas pela imprensa, falada e escrita, é comum encontrarmos notícias que denunciam práticas tais como a de preferir docentes mais qualificados para ocuparem postos de ensino em universidades e faculdades particulares com a justificativa de que esses profissionais oneram as folhas de pagamento de suas instituições e com isso, dá-se preferência a profissionais com menor qualificação a fim de não se mexer nas margens de lucro. Apesar das denúncias recorrentes, não se sabe de nenhuma medida efetiva que possa inibir essa prática. Isso sem falar na falta de estrutura material e de pessoal qualificado a que são submetidas as escolas públicas. Essas são instituições educacionais que atendem a maior demanda educacional da sociedade e que deveriam, por esse motivo, receber todo apoio e recurso necessário para desenvolver seus trabalhos.

No âmbito das relações, podemos dizer que se observam preconceito, discriminação, autoritarismo e desqualificação não só dos profissionais mas também das comunidades empobrecidas. Isso não significa que não haja iniciativas que buscam modificar esse quadro. Algumas, inclusive, têm conseguido sucesso em suas

investidas, como é o caso do projeto PROVE<sup>2</sup>, realizado no Jardim Ângela, periferia de São Paulo, por exemplo, que cuida da formação constante dos professores, funcionários, alunos e comunidade em geral e tem obtido resultados muito favoráveis. Assim como esse, existem outros projetos<sup>3</sup>, espalhados por todo o país, que procuram trabalhar com meninos e meninas de rua oportunizando a experiência com esportes e artes em geral. Importante salientar que, grande parte dessas iniciativas é realizada por uma organização local, de comunidade, de grupos que não representam o poder oficial, seja municipal, estadual ou federal.

Nas instâncias econômica, política e social o que se vive é uma inversão desse tripé. A Economia como carro forte mobiliza e direciona a Política de acordo com seus interesses e o Social deve se ajustar, se adequar aos interesses dos dois primeiros. Em nossa compreensão essa relação deveria ser Social-Política-Econômica. O Social apresentaria as condições e urgências que mobilizariam a Política para direcionar a Economia a fim de suprir as necessidades da sociedade. Assim, teríamos os seres humanos, o bem estar social, como prioridades.

Na Saúde, como em qualquer outro setor da sociedade, é possível identificar o descaso proveniente dessa inversão de instâncias. No sistema público, não raro é nos depararmos com notícias de pessoas que morrem nas longas e desumanizantes filas de espera dos hospitais e pronto-socorros; da falta de médicos, de enfermeiros, de medicamentos, de condições de funcionamento dentre outras. Isso vem mostrando que a Saúde também não consta como prioridade dentro dessa estrutura de poder.

Os avanços tecnológicos na área da saúde quase sempre estão vinculados à possibilidade de acesso daqueles que têm condições financeiras e, com isso, a maioria da população fica à margem.

Em se tratando das relações entre profissionais da saúde e pacientes, constata-se que há muito a ser trabalhado. O autoritarismo presente nas relações é comum, a falta de tempo para uma maior atenção aos sofrimentos, medos, preocupações daqueles que buscam esse serviço, o desrespeito traduzido em longa espera, as consultas serem marcadas para 2 ou 3 meses mais tarde, mesmo aquelas que seriam urgentes, e por aí vai.

Nesse movimento diário de precário atendimento à população é possível ler mensagens ora evidentes, ora sub-textuais, de fatos que nos dizem da falta de interesse do poder público em resolver a questão do bem-estar social.

Ao pensarmos em saúde é importante lembrarmos que há pelo menos três categorias como referência, conforme nos aponta Ozella (2003), são elas: 1) *Curativa* - tem como referência a saúde como ausência de *doença*. Enfatiza que a

condição saudável é conquistada com a eliminação da doença. 2) *Preventiva* - tem como referência afastar e impedir que a doença se instale. A doença ainda é o ponto de partida para o planejamento de ações nessa linha. 3) *Promoção de saúde* - A ênfase nessa prática é na saúde e não na doença. Essa perspectiva de trabalho busca construir condições adequadas para um desenvolvimento saudável do ser humano considerando os aspectos sociais, familiares, econômicos, cognitivos, afetivos das pessoas visando a uma atuação crítica e transformadora.

O que vem a ser saúde? Sob nossa compreensão, promover saúde é contribuir com o indivíduo na compreensão de sua inserção na sociedade, assim como, nas multi-determinações a que está exposto. Desta forma, saúde pode ser concebida como um processo de desalienação desenvolvendo consciência crítica e responsabilidade frente às condições vividas (Ozella, 2003)..

A Psicologia, como as demais áreas de saber científico, deve estar imersa na análise das condições culturais, históricas, sociais para analisar seu (s) objeto (s) de trabalho. Infelizmente, não é isso que se vê. Temos um número expressivo de profissionais que possuem uma visão naturalizada dos fenômenos psicológicos isolando-os de um contexto mais amplo.

A Prática profissional alienada, sem contextualização, surge então carregada de uma perspectiva corretiva e terapêutica. Trabalha na direção muito mais de estabelecer modos de adaptação das pessoas ao meio do que construir visão crítica e condições de autonomia para que haja transformações na ordem estabelecida (Ozella, 2003).

A conseqüência mais evidente de tudo isto é que as áreas que assim procedem tornam-se cúmplices e agentes da ideologia hegemônica, pois contribuem para ocultar, mascarar as condições sociais que constituem o ser humano. Todas as “qualidades” e todos os “defeitos” das pessoas são analisados sob uma perspectiva naturalizada. E tudo que foge à norma, à regra, ao esperado, ao comum é patologizado. Abre-se mão de denunciar as condições de vida que geram desigualdade, miséria, discriminação, preconceito e geram sofrimento.

Existe urgência em fazermos críticas contundentes a esta perspectiva liberal de ser humano e mundo rompendo definitivamente com visões naturalizantes e considerando perspectivas históricas.

Necessitamos rever nossos conhecimentos e práticas analisando o ser humano como aquele que se constitui ao longo de sua própria vida e de sua ação sobre o mundo, em interação constante com outros, inseridos também em uma cultura que acumula e contém o desenvolvimento de gerações anteriores.

Muito há que ser feito para que se obtenha condições melhores, mais humanas tanto para os profissionais da saúde quanto para aqueles que precisam desses serviços, principalmente, pensando na rede pública de saúde.

Procuramos contribuir com algumas reflexões levantando questões importantes que possam nos sinalizar caminhos e posturas que favoreçam à construção de maior criticidade frente ao mundo que temos e ajudamos a constituir.

## ARTICULAÇÕES TEÓRICAS ENTRE CULTURA, LINGUAGEM E IDENTIDADE

Cultura aqui é entendida como uma trama de significados tecida pelos seres humanos que forma um contexto de signos interpretáveis dentro dos quais é possível construir sentidos e inteligibilidade nos acontecimentos e processos sociais. (Geertz, 1989). Em outros termos, a cultura oferece uma ordem para os significados e símbolos que nela circulam, de modo que as pessoas, ao se apropriarem de parte desses significados e símbolos culturais vão definindo contornos específicos em suas subjetividades, construindo seu psiquismo, referências, visões de mundo, modos de ser e de expressar-se, relacionamentos e julgamentos. Em resumo, é por meio e através da cultura que se torna possível ao ser humano se construir enquanto tal. Importante salientar aqui que há inúmeras possibilidades de ser humano (França, 2005).

Ao falarmos em humanidade, cultura, sociedade, trazemos à baila questões como relacionamento, comunicação e linguagem. Comunicar-se implica na apropriação de um repertório compartilhado como linguagem, significados e símbolos. Como elemento mediador das relações, a linguagem, com os significados possíveis, adquire caráter generalizante e, com isso, permite duas das mais importantes funções da linguagem articularem-se ao pensamento. São elas as funções comunicativa e representativa que mantêm relação entre si. Essas estão estreitamente ligadas aos processos de contextualização e descontextualização. (Vygotsky, 1998).

Na perspectiva vygotskiana\*<sup>4</sup>, com a qual estamos de acordo, existe diferença entre sentido e significado. O autor entende que há predomínio do sentido sobre o significado da palavra. Sentido para o autor é "(...) a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência" (p.181). Alterações de sentido não afetam a estabilidade do significado. As palavras adquirem seu sentido no contexto do discurso. Portanto, variar o contexto implica variação de sentido. "Dependendo do contexto, uma palavra pode significar mais ou menos do que significaria se considerada isoladamente: **mais**, porque adquire um novo conteúdo; **menos**, porque o contexto limita e restringe o seu significado". (Grifos nossos, 1998, p.181).

A linguagem como elemento de expressão e constitutivo das experiências permite às pessoas construir representações\*<sup>5</sup> das próprias vidas, atribuindo-

lhes sentido. Ela é ideológica\*<sup>6</sup> porque incorpora práticas sociais. Essas são usadas para apresentar argumentos favoráveis a uma concepção da realidade para situá-la acima de outras. Subtrair informações no discurso tem por objetivo diluir contradições e ambigüidades que obscurecem e ocultam sua incoerência criando uma falsa aparência de caráter não discutível do mesmo.

O discurso tem dois elementos inseparáveis, conteúdo e forma, que juntos criam um entrelaçamento de significados no qual foi apreendida a realidade e dos quais ela surge. Seu conteúdo é composto pelas idéias comunicadas, pelo texto e sub-texto. O que se diz explicitamente e o que está dito veladamente compõem o conteúdo. A forma é composta por outros sinais que não somente a linguagem verbal ou escrita, mas, inclui-se aqui, a subjetividade impregnada nesse. Se este for apresentado em relação direta “face-a-face”<sup>7</sup> incluem-se também gestos, expressões faciais, postura física, voz, olhares e quaisquer outros elementos que puderem aparecer, que sejam enfatizados ou disfarçados pelos interlocutores. A ironia, por exemplo, pode ser avaliada como a expressão de um conteúdo oposto às manifestações subjetivas impregnadas nele. Essa subjetividade é quem desenha a informação mais marcante.

Monteiro (1995), em seu artigo sobre *Estratégias Discursivas Ideológicas*, apresenta-nos algumas dessas estratégias que visam a introduzir, a difundir e a impor considerações que - por ocultação ou por distorção - objetivam a perpetuação da hegemonia de certos interesses e idéias. Apontaremos nesse texto somente três delas<sup>8</sup>:

- *Manejo de presenças e ausências* - associação de idéias que não aparecem de forma evidente. Um exemplo, um profissional da saúde que recebe um paciente indicado por um colega e diz a ele: “Agora o senhor será assistido e acompanhado”. O que está implícito nessa afirmação é que até aquele momento isso não havia acontecido.
- *A forma de assumir ou não a responsabilidade do discurso* - “dar vida própria aos dados” apresentados que então passam a falar por si mesmos desconectando qualquer intencionalidade daquele que apresenta esses dados e os interpreta. Ex: Uma situação que ocorre com certa frequência é quando um profissional da saúde estabelece, a partir de resultados de exames um tempo máximo de vida para a pessoa, colocando-se acima de qualquer outra possibilidade. É comum que o profissional que assim procede não se dê conta de que sua interpretação é uma dentre outras muitas possíveis e que não se pode determinar ou estabelecer prazo limite para questões como cura, morte etc..., pois essas envolvem muitos e complexos elementos.

- *A construção de um tipo de argumento que contém dentro de si um elemento contrário, que o anula.* Essa estratégia enuncia algo positivo fazendo-se seguir por uma conjunção adversativa (mas, porém, todavia, apesar de, não obstante, ainda que, contudo, entretanto, etc.) que antecede e anuncia a avaliação que marcará o sujeito, objeto de crítica.  
Ex: Aquele enfermeiro é interessado e dedicado, mas muito ignorante.

Estarmos atentos para essas *estratégias discursivas*<sup>9</sup> utilizadas em nosso dia-a-dia, no conteúdo das mensagens que transmitimos, que recebemos, na qualidade de relações que estabelecemos nos ajudará a desenvolver sensibilidade, consciência crítica para fazer nossas escolhas relacionais de modo que essas apontem caminhos emancipatórios e autônomos para a constituição de identidades.

Identidade aqui é concebida como um processo de metamorfose visando à emancipação (Ciampa, 2003;1996). Nesse movimento contínuo de constituição de identidades está presente uma unidade composta de dois pólos distintos, opostos e complementares: identificação e diferenciação. Somos ao mesmo tempo semelhantes e distintos de outros. A definição de si mesmo, ainda que parcialmente possível, se torna realizável tendo claro o que não sou eu. Esse processo de diferenciação entre o Eu e o mundo confere caráter distinto e único. Com isso emerge uma necessidade de identificação, reconhecimento e pertencimento a um grupo, dado que somos seres sociais por excelência.

Há estreita relação entre a constituição de uma identidade e os processos sociais vividos pelo sujeito, pois o indivíduo se reconhece como tal não diretamente, mas somente a partir do olhar dos outros, do grupo social ao qual pertence e da configuração da sociedade em que vive.

A noção de identidade envolve negação, diferença, reconhecimento e não reconhecimento. A relação entre as pessoas se dá com base nas informações sociais que são transmitidas, manipuladas ou ocultadas pelos agentes sociais e que necessitam de interpretações para que se façam compreender por seus interlocutores. As interpretações são feitas com base no universo de significados que os agentes sociais se apropriaram e os sentidos construídos, o que implica múltiplas interpretações.

O que se diz ou pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo, em seu dia-a-dia e pelas pessoas que encontra, será de grande importância para ele. A informação disponível sobre si é a base da qual ele deve partir para resolver qual o plano de ação a empreender quanto à imagem que possui. Os possíveis modos de se relacionar estão diretamente associados com as informações que são transmitidas pelos outros em relação a sua pessoa. Esses modos de relação são ajustados a partir das informações recebidas (Goffman, 1989).

Uma identidade para existir depende de algo fora dela, como outra identidade que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista. Daí entendermos que a identidade é marcada pela diferença (Goffman, 1989).

Observar os sistemas classificatórios em uma dada sociedade nos mostra como as relações sociais são organizadas e divididas. Há pelo menos dois grupos de oposição ‘nós e eles’.

É importante lembrar que o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos nós, servindo de fundamento para as identidades, como a identidade sexual, por exemplo.

Identidade enquanto um construto dinâmico articula-se ao macro-social por categorias verbais constituindo assim identidades sociais. No nível micro das relações, as categorias simbólicas podem tanto reforçar os elos dos sujeitos com seu grupo quanto demarcar seu distanciamento deste por conta de regras de relações e pelos vários e conflitivos objetivos comunicativos. (Kleiman, 2001).

A Psicologia Cultural proposta por Bruner (1997) está de acordo com a proposta de Vigotsky quando diz que, no processo de apropriação de alguns elementos culturais realizado pelas pessoas, esses elementos se convertem, se transformam em condições psicológicas favorecendo à instalação de alguns comportamentos, pois representa a expressão de uma crença que se vincula a um modo de vida específico.

Com essa breve exposição podemos notar que a Cultura, conceitualmente entendida como uma *trama de significados*, tem como elemento essencial de tessitura, a linguagem. Essa última oferece possibilidades de significação e atribuição de sentido, viabilizando assim, à apropriação de informações, à comunicação, às múltiplas interpretações, modelos e referências. Todos esses elementos e processos são fundamentais não apenas para que a vida social se estabeleça e as relações possam ser construídas, mas, principalmente, para que cada um de nós possa construir sua subjetividade e realizar as trocas intersubjetivas, tão importantes e indispensáveis na constituição de identidades.

Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e dos quais podem falar. São nesses e através desses sistemas representativos que se localizam os processos de construção de significados e identidades que estão estreitamente vinculados.

Todas as práticas de significação envolvem relação de poder<sup>10</sup>, incluindo o poder para definir quem é ou não incluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por uma específica.

A identificação/diferenciação como processo torna possível essa experiência de vínculos recíprocos entre os indivíduos e grupos. Os sentimentos de pertencimento e de não-pertencimento têm suas origens a partir desse processo.



Essa característica de culpabilizar os indivíduos pelas posições que ocupam, é próprio da sociedade capitalista, pois, como vimos anteriormente, é um elemento constituinte da filosofia neoliberal que provoca um mascaramento das reais condições sócio-políticas e econômicas que temos hoje.

A partir da conscientização das contradições e desequilíbrios do sistema social, bem como das brechas e lacunas deste, o indivíduo passa a exercitar a liberdade que lhe é pertinente e descobre, cria, novas possibilidades de ação, de atividade que podem lhe descortinar novos caminhos de constituição de si mesmo que permita às pessoas resistirem às atribuições, algumas vezes de forma menos dolorida. A (des)construção de uma dada ordem social, ou a velocidade com que as mudanças são vividas no cotidiano pode ser encarada com estranhamento, uma vez que se torna mais complexo o entendimento da situação, por falta de uma certa ordenação conhecida. Porém, essa mesma situação de desordem ou caos, revela-se como um outro ordenamento, ainda não conhecido, que necessita ser apreendido para que se torne possível ao indivíduo movimentar-se nesta nova ordem estabelecida. Isso implica a abertura de novas possibilidades (França, 2005).

O fenômeno da identidade surge a partir desse movimento relacional entre indivíduo e sociedade. Compreender a identidade, por isso, é compreender essa relação, essa dinâmica social. Por um lado, forma-se a partir de processos sociais que são determinados pela estrutura da própria sociedade. Por outro, as identidades reagem sobre a estrutura dada, mantendo ou modificando a mesma. (Berger & Luckmann, 1999). Concretiza-se uma visão de mundo, uma ideologia, uma cultura, uma sociedade, que, por sua vez, oferece as diversas possibilidades de singularização.

O universo subjetivo do indivíduo é formado a partir das informações e relações que estabelece com os outros. Valores, sentimentos, maneiras de ser, identificação, diferenciação, maneira de interpretar, visão de mundo são constituídos sempre a partir de uma perspectiva, de um lugar externo pré-determinado de fora que lhe indica uma direção a ser seguida de acordo com as expectativas do grupo ao qual pertence. Essa apropriação dos elementos constituinte de si mesmo é elaborada pela pessoa. Com esse espaço de liberdade pessoal de elaboração, re-significação e interpretação de acordo com os vários sentidos e significados em trânsito na sociedade, no grupo social, pode haver um desajuste entre o universo subjetivo do indivíduo e as prescrições sociais imputadas a ele (Berger&Luckmann, 1999).

Pode-se pensar que um profissional da saúde, simplesmente por sê-lo, está compromissado com a sua categoria. O grupo em que se insere terá expectativas quanto a sua conduta e solidariedade para com seus colegas de profissão. Se a pessoa não concorda com um posicionamento do grupo, provavelmente enfrentará

dificuldades em se manifestar contrária a ele. O chamado código de ética profissional é muitas vezes lembrado no discurso como algo que impede uma crítica de um profissional para com seu colega. Aqui também podemos identificar a ideologia atuando. O compromisso dos profissionais deveria ser firmado e reafirmado pela transparência de seus comportamentos vinculados à Ética Universal, que o compromete com a lisura, a integridade, para com todas as pessoas e não somente com o grupo de iguais como ocorre em algumas situações.

Perceber que há desajuste entre a vida subjetiva da pessoa e a expectativa social cria tensão para o indivíduo. Tensão essa que ele tenderá resolver, explicar, de maneira a lhe dar um sentido, uma direção (Bosi, 2001).

A sociedade exige, para manter-se e reproduzir-se, um sistema de normas de comportamento dotado de um mínimo de coerência quanto às expectativas. Também requer uma forma capaz de reunir tanto as aparências físicas de um ser humano quanto as suas marcas sociais: o nome, a nacionalidade, a classe, o estado civil, profissão, em suma, o conjunto de características públicas que lhe pertencem.

Os papéis sociais prescrevem a atuação do indivíduo, considerada mais adequada, para sustentar o sistema de produção e de consumo e essa é determinada pelo lugar que cada um ocupa na escala hierárquica social.

A vida cotidiana é caracterizada pela espontaneidade e por uma tendência a poupar tempo e esforços tornando-a pragmática e orientada por ações e pensamentos, que, por sua vez, são marcados pela fé e pela confiança. É principalmente através da emoção que a ideologia controla a consciência, as atitudes e o que não está consciente. Não há separação entre as estruturas de pensamento, emoções e sentimentos. (Heller, 2004).

## RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Pensar e refletir sobre as possibilidades de relações entre as pessoas é buscar um nível amplo de compreensão de si mesmo e do mundo. Como seres sociais que somos não há uma só atividade que prescindia de relacionamento, sendo assim essas questões possuem uma interface estreita com qualquer contexto, ambiente e grupo vivido pelas pessoas.

Ao nos reportarmos às relações interpessoais, às identidades, linguagem e cultura, faz-se necessário considerar as emoções e sentimentos que funcionam como amálgama de todos esses elementos, além de criar movimento e nuances.

As emoções são mediadoras entre as categorias constitutivas do psiquismo humano. Baseada em seus estudos sobre Vigotsky, Lane (1995) considera a Afetividade

como uma das categorias fundamentais, ao lado da Consciência e da Atividade, sendo a Identidade uma categoria-síntese da relação indivíduo-sociedade.

O pensamento emocional é regido por leis totalmente diferentes daquelas a que está subordinado o pensamento lógico discursivo. No pensamento emocional *“o processo cognoscitivo fica relegado a um segundo plano, fica diminuído e não reconhecido”* (Vigotsky, 1972, p. 68). Esse autor não separa pensamento de emoção. Pelo contrário, a motivação e a emoção constituem a gênese do pensamento.

As emoções estabelecem e reforçam *significados das ações, das crenças e das relações pontuando no interjogo grupal uniões, antagonismos, lealdades, desconfianças* (Galano, 1995, p.147). Essa autora nos diz que:

*“A organização dos vínculos grupais produz e é produzida por um sistema em que se entrelaçam as idéias, os mitos e os jogos de poder. Um sistema lógico que permite articular as produções organizativas, que dão ‘corpo’ à ação, e as produções vinculativas, que dão ‘vida’ às relações, pondo em marcha as potencialidades construtivas e destrutivas de um grupo. Elas legislam ordenando espaços e atribuições, criando alianças e oposições, facilidades e obstáculos”* (p.147).

Por grupo, sugere a autora, que devemos entender o movimento dos discursos e das ações em relação a seus membros e seus objetivos, conscientes ou não.

O Afeto compreende toda uma gama de sentimentos associados às histórias das relações. Estrutura os entrelaçamentos das subjetividades pessoais, sejam as atitudes solidárias, as antipatias, os enfrentamentos, as lealdades, ou as oposições.

O Poder do Afeto traz a possibilidade de determinar as ações, as condutas, os pensamentos que se terá diante desta ou daquela pessoa. *“Tornar-se parente de alguém obriga uma pessoa a ir além da razão e das idéias. Não é a cabeça que está presa, é o coração. Interessante armadilha onde o Poder no Afeto retroage e se converte em Poder do Afeto”* (Galano, 1995, p.153).

É possível que quanto mais poder formal - e especialmente informal - possui uma pessoa, mais provável é que sejam levados em consideração seus sentimentos.

A coexistência social revela a fragilidade do nosso eu, diante do olhar do outro, para quem somos tão-somente o que parecemos. Adequar-se a essa aparência pública e a todas as generalidades que ela comporta, ainda que essa imagem externa não tenha qualquer relação com o que somos ou desejaríamos ser na esfera íntima de nossos sentimentos e pensamentos, gera tensão. Quem não fala e não age conforme as expectativas que o seu papel social demanda, sofrerá a impiedade alheia e, cedo ou tarde, será excluído e fadado à zombaria e à marginalidade. (Bosi, 2001).

Há um movimento de resistência ao determinismo social. Nosso olhar é dirigido pelo nosso universo subjetivo, que se transforma com as experiências, com

as relações e com a vivência do novo. Na relação, há um trânsito de informações passadas pela linguagem que são preenchidas, em primeiro lugar, com o sentido daquele que a transmite e depois com o sentido daquele que interpreta. Esses sentidos nem sempre são coincidentes.

A existência de pessoas em relação é condição necessária para a emergência de significações e comporta complexidade e ambigüidade, diante da qual o ser humano experimenta a necessidade da interpretação. Essa ambigüidade está expressa em duas possibilidades postas: como eu vejo o mundo e como o mundo me vê. Essas duas maneiras de olhar podem divergir, pois partem de referências construídas por diferentes indivíduos e grupos em diversos contextos. (Bicudo & Espósito, 1997)

A questão da identidade é, sobretudo, uma questão social e política e não meramente acadêmica. Questão social, pois contribui para a configuração da sociedade, posições - assumidas ou não - de manutenção ou resistência à ordem. Questão Política, uma vez que oferece um desenho orientador das relações entre as pessoas e isso influencia e constrói o mundo em que vivemos (Ciampa, 1996).

Pela socialização<sup>11</sup> se dá a implantação e manutenção da estrutura social, porque é através dela que se garante a apropriação das condições fundamentais que sustentam o grupo social mais amplo. A própria estratificação social é ideológica e fruto de interesses dominantes em uma sociedade e só pode ser mantida devido ao trabalho socializador desempenhado pelas instituições que funcionam como instrumentos do Estado, favorecendo a coesão social.

A política de um país reflete o modelo de sua cultura. A cultura, como já explicitado anteriormente, é representada pelas estruturas de significados e sentidos através das quais os seres humanos dão forma às suas experiências. Política é entendida como uma das principais arenas na qual tais estruturas se desenrolam publicamente. Os significados e sentidos que estão circulando na trama cultural se objetivam, adquirem materialidade por meio das instituições, que servem a determinados conjuntos de valores e funcionam como reguladoras dos comportamentos das pessoas.

Os processos políticos de todos os países são mais amplos e profundos do que as instituições formais destinadas a regulamentá-los. Algumas decisões mais críticas que concernem à direção da vida pública são tomadas em instâncias não formalizadas.

A sociedade oferece uma ordem ao conhecimento humano e este é dado como um *a priori* à experiência individual, oferecendo a esta, **sua** ordem de significação. Essa ordem, apesar de relativa a uma singular situação sócio-histórica, aparece ao indivíduo como o modo, único possível de conceber o mundo. Isso se dá, principalmente, para o ser humano comum, não intelectualizado, imerso no cotidiano. Com isso, perde-se de vista o reconhecimento de que tanto a realidade

quanto o conhecimento têm sempre de ser a partir de um determinado ângulo. As relações são estabelecidas, tendo como premissa essa ordem e vão assumindo características próprias da ideologia vigente em uma dada sociedade.

## CONCLUSÃO

Somos vulneráveis aos julgamentos, olhares e observações do nosso grupo de pertencimento e de outros significativos. As emoções e sentimentos são fortes motivadores para construir vulnerabilidade, segurança, oposição e/ou resistência de uma ou mais pessoas em relação a uma ou mais condições do contexto social. Com isso, percebê-las, procurar compreendê-las na articulação com a constituição de identidades, nas expressões humanas e como esse complexo dinâmico se dá em nossas vidas é criar condições para ir além do entendimento desse movimento e, a partir de análises, apresentar caminhos de intervenção social.

Pensamos que essa discussão de busca de articulação entre esses conceitos Cultura-Linguagem-Identidades pode contribuir para ampliar nossa consciência sobre como interferimos na dinâmica social com os valores que sustentamos, com o conhecimento, a afetividade e posturas construídas em nosso processo socializador, para nos sensibilizarmos e ficarmos atentos em relação à maneira como temos atuado e como essa atuação interfere nos outros e em nós mesmos.

Essas articulações permitem levantar elementos importantes que podem contribuir com reflexões que visem a dismantelar preconceitos, visões de mundo ancoradas em desigualdade de valor, discriminação, violência, subserviência, autoritarismo e /ou qualquer *atitude*<sup>12</sup> e ação desrespeitosa entre as pessoas, pois evidencia caminhos promissores de reflexão, discussão, a fim de possibilitar novos referenciais de relação.

Em quaisquer setores ou áreas da sociedade observamos e vivemos diferenças nessas categorias: conhecimento, afetividade, posturas; e entendemos que desenvolver nossa habilidade crítica de refletir sobre quais posicionamentos, entre tantos possíveis, nos levam a construir maior autonomia para os envolvidos nas relações que estabelecemos é militar em prol de uma transformação profunda das condições perversas em que vivemos e, por isso, vale o investimento de nos ocuparmos com essas questões.

Cultura-Linguagem-Identidades são, portanto, elementos que estão na base da estrutura social e quaisquer mudanças propostas e efetivadas nessa tríade certamente acarretarão, em menor ou maior grau, interferências significativas nessa dinâmica.

## REFERÊNCIAS

BERGER, P.L. e LUCKMANN. *Construção Social da Realidade*. 17<sup>a</sup>. edição. Petrópolis. Vozes, 1999.

BICUDO, M.A. V.; ESPÓSITO, V.H.C. (orgs.). *Joel Martins...Um Seminário Avançado em Fenomenologia*. São Paulo. EDUC, 1997.

BOSI, A. *Prefácio*. In: PIRANDELLO, L. *Um, nenhum e cem mil*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo. Cosac & Naify Edições, pp.7-15, 2001.

BRUNER, J. *Atos de Significação*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre. Artes médicas, 1997.

CIAMPA, A. C. *A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico*. Peru. Revista Interamericana de Psicologia da SIP (ISSN 0034-9690), 2003.

\_\_\_\_\_. *A Estória do Severino e A História da Severina*. 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo. Editora Brasiliense S.A, 1996.

FRANÇA, C.C. *Políticas de Identidade e Estratégias Identitárias: Reflexões sobre a dinâmica de relações exclusão/inclusão no contexto escolar*. Tese de Doutorado. São Paulo. PUC-SP, 2005.

GALANO, M.H. *As emoções no interjogo grupal*. In: LANE, S.T.M. e SAWAIA, B.B.(orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995, pp. 147-156.

GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Maria Célia S. Raposo. 4<sup>a</sup>. ed. Petrópolis. Vozes, 1989.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

KLEIMAN, A. B. *A Construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional*. In: SIGNORINI, I.(org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas. Mercado das Letras. São Paulo: Fapesp, 2001, pp. 267-302.

LANE, S.T.M. e CAMARGO, D. *Contribuição de Vigotsky para o Estudo das Emoções*. In: LANE, S.T.M. e SAWAIA, B.B.(orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995, pp.116-131.

MONTEIRO, M *Estratégias Discursivas ideológicas*. In: LANE, S.T.M.;

SAWAIA, B. (orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo. Brasiliense, 1995.

OZELLA, S. (org.). *Adolescências Construídas: a visão da Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da Arte*. Barcelona. Barral Editores, 1972.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Psicóloga, Pedagoga, mestre e doutora pela PUC-SP em Educação, sub-área Psicologia da Educação. Atualmente participa do grupo de pesquisa em Educação na UNICAMP sob coordenação dos professores José Roberto Heloani e Zacarias Pereira Borges desde agosto de 2005.
- <sup>2</sup> PROVE - Projeto Valorização do Educador.
- <sup>3</sup> Axé na Bahia., por exemplo.
- <sup>4</sup> Para um aprofundamento dessa discussão sugiro a obra do autor: Vygostky, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- <sup>5</sup> “Representação” aqui é entendida como processo ativo de elaboração simbólica, a partir de referenciais culturais e sociais disponíveis. Cf. LANE, S.T.M. *Usos e abusos do conceito de representação social*. In: SPINK, M.J. (org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp.58-72.
- <sup>6</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre *ideologia* sugiro as obras de: Chauí, Marilena. *O que é ideologia?*, 2ª. ed. São Paulo. Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, n. 13), 2001; Mészáros, István. *O Poder da ideologia*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- <sup>7</sup> Face-a-face é termo utilizado por Goffman e Berger e Luckmann.
- <sup>8</sup> Sugiro a leitura do artigo de MONTEIRO, M. *Estratégias Discursivas Ideológicas*. In: LANE, S.T.M. e SAWAIA, B.B.(orgs.). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995, pp. 84-96.
- <sup>9</sup> Esse termo é usado por Maritza Monteiro (1995).
- <sup>10</sup> Para aprofundar o estudo da questão do poder sugiro a obra *Microfísica do Poder*, de Michael Foucault.
- <sup>11</sup> Socialização é um processo que vai do nascimento até a morte. Ela se configura pela exposição das pessoas à contextos que são constitutivos de sua humanidade.
- <sup>12</sup> Atitude aqui é entendida como uma disposição interna para considerar, aceitar ou rejeitar, desconsiderar as diferenças propostas pelos modos de outros.